

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

## **Viajantes leitores: algumas considerações acerca da presença das obras dos naturalistas luso-brasileiros setecentistas nos relatos de viagens dos oitocentos.**

Daniela Casoni Moscato\*

Aprender as particularidades de leitura tornou-se um dos objetivos da História da leitura, permitindo o acesso privilegiado aos padrões culturais que conferem a um certo período histórico sua áurea de singularidade. Este traço da História cultural apresenta-nos possíveis abordagens e não apenas em relação à história do livro ou mesmo da imprensa. Objetiva também um estudo das próprias leituras e como estas foram realizadas em diferentes temporalidades e diversos grupos.

Este texto tem como objetivo apresentar as primeiras impressões da análise de práticas de leituras entre duas gerações de viajantes que percorreram o Brasil entre os séculos XVIII e XIX: os naturalistas luso-brasileiros setecentistas e os viajantes europeus oitocentistas.

### Viajantes leitores ou leitores viajantes?

Na obra *Visões do Rio de Janeiro Colonial – antologia de textos (1531-1800)* (FRANÇA, 1999) do historiador Jean Marcel Carvalho França, o sumário elenca trinta e nove viajantes que escreveram sobre o Rio de Janeiro Colonial. Desses, um é o português Pero Lopes de Sousa e o restante franceses, espanhóis, ingleses, austríacos, alemães. A lista do historiador é apenas um dos vários reflexos “das grandes sínteses da história das mentalidades aplicadas ao estudo das origens de uma identidade nacional” (CRUZ&PEREIRA, 2006) Na busca pelo “caráter nacional”, gerações de historiadores alimentaram a noção de que o sentido histórico da sociedade brasileira havia sido

---

\* Doutoranda pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação de Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

construído por e a partir desses viajantes estrangeiros<sup>1</sup>

França não é o único. Observa-se que Antônio Cândido de Mello e Souza, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando Novaes (CRUZ&PEREIRA, 2006) e muitos outros, ajudaram a criar e a fortalecer o discurso historiográfico de que tais viajantes, e somente eles, foram os “inventores” do Brasil, uma vez que construíram, caracterizam e delimitaram conceitualmente a nação. Assim, na historiografia clássica dedicada ao XIX, o olhar estrangeiro foi construído e apropriado pelas grandes discussões sobre o caráter nacional<sup>2</sup>.

A mesma historiografia criadora desses discursos excluiu a possibilidade de existirem outros “inventores do Brasil”. No entanto, elaborando um levantamento preliminar acerca de viajantes que percorreram a colônia portuguesa na América, é possível verificar que antes desses viajantes europeus do romantismo toda uma outra geração havia percorrido o país, coletando, observando, anotando e classificando: os viajantes luso-brasileiros do iluminismo. Esses brasileiros estudaram na Universidade de Coimbra após as Reformas Pombalinas que introduziram os princípios da Ilustração no novo estatuto da Universidade de Coimbra e criaram os Jardins Botânicos de Lisboa e Coimbra, todas elas instituições capazes de impulsionar o conhecimento sobre o ultramar (RAMINELLI, 2008, p. 66). Assim, iniciava-se o projeto das expedições exploratórias e científicas portuguesas a serviço da monarquia<sup>3</sup>.

As obras desses luso-brasileiros ilustrados, através de fragmentos e citações de leituras, estão presentes na literatura dos viajantes estrangeiros, o que confirma que de alguma forma esses estrangeiros sofreram a influência dessa geração de cientistas e/ou naturalistas que os antecederam. Esses brasileiros viajantes, após os estudos e os anos vividos na Metrópole, retornaram à América portuguesa e sobre ela deixaram um cem números de relatos, escritos entre meados do século XVIII

---

<sup>1</sup> Sobre nacionalismo, compreende-se que esse vem antes das nações, ou seja as “nações não formam os Estados e os nacionalistas, mas sim o oposto.” HOBBSAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1789: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.p.19. Ainda nesse sentido, a pesquisa se apoia nos estudos de ANDERSON, B. **Nação e Consciência Nacional**. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>2</sup> Muitos como França reforçam a escolha e importância de tais fontes pela abertura dos portos que passou a incentivar a vinda de expedições científicas, comerciais e artísticas à Colônia.

<sup>3</sup> A respeito das reformas Pombalinas e seus reflexões nas ciências portuguesas indicamos os seguintes trabalhos: CRUZ e PEREIRA, CRUZ,A. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas:cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica**. Curitiba, 2004. Tese de Doutorado – UFPR e RAMINELLI, 2008.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

e início do XIX. Todavia, são ainda pouco comuns, na historiografia brasileira, análises da presença e da obra desses viajantes, bem como a dimensão transcolonial do projeto em que estiveram envolvidos, o qual “efetivamente, extrapola os limites da colônia do Brasil.” (CRUZ, 2002, p. 63). A historiografia brasileira acabou “salientando sua contribuição para o reconhecimento das potencialidades da colônia no âmbito de um projeto de recuperação econômica do Império ou pela participação desta elite instruída no movimento que levaria à independência.” No entanto, eles estiveram envolvidos em projetos que não conduziam necessariamente à independência. (CRUZ, 2002, p. 63)

José Murilo de Carvalho nos lembra como a Universidade de Coimbra reformada não só produziu cientistas como também um grupo que militou “na política à época da Independência, como Manuel F. Da Câmara e José Bonifácio.” (CARVALHO, 2007). É assim que eles costumam ser vistos pela maior parte dos historiadores. As pesquisas dedicadas a esse grupo da elite brasileira, como Manuel F. da Câmara e José Bonifácio em alguns momentos pontuam sua produção científica, mas, poucos trabalharam com esse grupo como viajantes e produtores de discursos científicos acerca do Brasil. Nas poucas vezes em que são abordados, há a preocupação em pensá-los em relação à independência e não em relação à conjuntura em agiram e produziram seus discursos. Assim, boa parte da historiografia brasileira não consegue tomá-los como tema autônomo, mas como objeto derivado do tema da independência. Desconhecendo produção científica prévia, elaborada por esses luso-brasileiros, os historiadores tendem a reafirmar constantemente aos viajantes estrangeiros do XIX o papel de descobridores e formadores de representações da nação. Isso também pode ser percebido nas pesquisas dedicadas ao IHGB e ao debate literário, como o caso da obra *O Guarani* de José de Alencar (MOSCATO, 2006)

Desta forma, procurando fugir dessas visões estereotipadas e preestabelecidas, pretendemos pontuar algumas relações entre duas gerações de cientistas viajantes, com o objetivo de perceber como elas interagiram na criação das representações nacionais forjadas na primeira metade do século XIX.

Tratando dos viajantes estrangeiros, Ana Maria Mauad procura mostrar como a experiência por eles vivenciada – ver, tocar, provar – era exaltada e, de certa forma, legitimava o relato de viagem: “Para o viajante, a impressão causada pelo olhar é a que fica,

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

fornecendo o estatuto de verdade ao relato. O fato de ele ter estado presente, de ter sido a testemunha ocular de um evento, ou de um hábito cotidiano qualquer, garante à sua narrativa um teor incontestável.” (MAUAD, 1997, p. 184)

Nas descrições do *Pluto Brasiliensis* de Wilhelm Ludwig von Eschwege é possível perceber esse “olhar incontestável” do viajante:

Minas Gerais é, sem dúvida, a província brasileira mais interessante e instrutiva sob o ponto de vista geológico e mineralógico, especialmente nas regiões de Vila Rica e Sabará e em toda a zona cortada pela estrada que se dirige para o distrito diamantífero do Serro do Frio. O viajante que percorre essas regiões e dispõe de algum tempo para pesquisá-las, não só fica conhecendo todas as rochas que ocorrem na província e a sequência de suas camadas, mas ainda tem oportunidade de observar os métodos de exploração do ouro usualmente adotados no Brasil (ESCHWEGE, 1944)

Eschwege, em obra buscará demonstrar a importância do “estar lá” e de todo o conhecimento que isso possibilita, uma vez que o viajante deve ser o conhecedor do território e suas características (das rochas e do processo de exploração do ouro ao ir a Minas Gerais, por exemplo).

Ana Maria Mauad não é a única autora a destacar a importância da experiência da viagem. Flora Süssekind, ao analisar os relatos de viagem como gênero textual, reafirma como a viagem era fundamental na aprendizagem ilustrada e científica, contrapondo-a à ideia de pesquisa e leitura do viajante de gabinete: “É também no 'ter viajado' que parece residir a maior confiabilidade de quem narra ou coleciona casos, aventuras ou mesmo espécies vegetais.” (SÜSSEKIND, 1993, p.80)

Ambas afirmam, em suas diferentes pesquisas, que o viajante partia da experiência para amparar descrições do país visitado, explorado, visto por seu próprio olhar. Este tipo de abordagem, mostra que tal grupo de viajantes estrangeiros ainda não foram pensados pela historiografia como leitores do próprio gênero textual que produziram, o que é um equívoco. Eles tanto eram viajantes, quanto eram leitores de relatos de viagem e

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

literatura científica conexa. Ao realizarmos um levantamento de trabalhos acadêmicos acerca dos viajantes estrangeiros que passaram pelas terras brasílicas, encontramos apenas referências de algumas leituras que teriam realizado mas, em nenhuma delas, esses viajantes foram estudados como leitores de outros viajantes.

A experiência presencial objetivava narrar, fixar tipos, quadros locais, classificar ordenar e organizar. Entretanto, será que esses viajantes classificavam, criavam as paisagens, identificavam tipos brasílicos, por meio, somente de sua experiência de “estar lá”?

Uma possível resposta poderá estar no fato de que na literatura elaborada por esses viajantes estrangeiros do romantismo é possível identificar fragmentos de leituras de outros naturalistas e/ou viajantes. Tais indícios - presentes ora no corpo textual, ora nas notas de rodapé – apresentam elogios aos amigos, críticas acerca de análises anteriores e são também usados como apoio da narrativa escrita sobre o que o viajante viu. Enfim, os relatos de viagem do XIX, mesmo baseados na necessidade de comprovar a experiência presencial, não descartam o diálogo com outros olhares de viagem.

Tal diálogo é mais comum entre estrangeiros contemporâneos como é o caso da referência a Spix e von Martius e outros na obra de Eschewege sobre a mineralogia: “Segundo meu modo de pensar, trata-se de turmalinito friável, contendo manganês. O sr. Zinchen julga-a óxido de ferro manganézífero, enquanto von Spix e von Martius a consideram minério de manganês acinzentado, semelhante ao turmalinito.”(ESCHEWEGE, 1944, p.12)

Todavia, no mesmo Eschewege também identificamos referências aos viajantes luso-brasileiros que o antecederam: “O dr. Couto foi o primeiro que, entre os minerais enviados, em 1810, ao Real Gabinete de Mineralogia, no Rio, acusou a presença de exemplares de cobalto terroso, de cor negra, que se apresentava, juntamente com quartzo, num xisto argiloso ferruginoso.”<sup>4</sup>

O Dr. Couto é Antônio Vieira Couto, um exemplo dos estudiosos luso-brasileiros que formaram a base da leitura dos viajantes do século XIX. Ele integrou a geração de

---

<sup>4</sup> ESCHWEGE, 1944, p 266. O dr. Couto - José Vieira Couto - nasceu em Diamantina em 1752 e, como alguns colonos de sua geração, realizou, após a Reforma Pombalina, seus estudos de Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra como pontuou Raminelli em RAMINELLI, R. **Viagens Ultramarinas: Monarcas, vassalos e governo a distância**. São Paulo: Alameda, 2008. p.75

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

jovens nascidos no Brasil que foram estudar em Coimbra e retornaram às colônias americanas na condição de cientistas, naturalistas e viajantes: “(...) após a formação acadêmica, muitos desses brasileiros fariam um segundo movimento, e, em sentido inverso, juntar-se-iam ao fluxo de portugueses que partiam da metrópole para os territórios coloniais, agora já na qualidade de profissionais.” (CRUZ, 2004, p. 02)

Pereira e Cruz mostram como a Universidade de Coimbra moldou uma nova categoria de profissional em Portugal, na qual se incluíam Vieira Couto, Manuel Arruda da Câmara, José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho e Francisco José de Lacerda e Almeida, entre tantos outros exemplos de cientistas brasileiros do setecentos, que, por sua vez, foram lidos por Gardner, Saint-Hilare, Tollenare entre outros viajantes estrangeiros.

Dos bancos dos novos cursos introduzidos pela reforma da velha universidade surgia um tipo novo de profissional em Portugal: o naturalista. Personagem paradigmático da Ilustração, ele iria inaugurar uma nova forma de olhar o mundo e, no caso português, contribuir com seus conhecimentos científicos para desvendar as potencialidades econômicas dos produtos da natureza na metrópole e nas colônias. (CRUZ&PEREIRA, 2006)

Desta forma, identificamos neste artigo que a geração de viajantes estrangeiros do século XIX leu os naturalistas luso-brasileiros. Porém, a pesquisa está em andamento e futuramente analisará como as leituras dos textos dos cientistas brasileiros formados em Coimbra e que escreveram sobre a América portuguesa auxiliaram na construção de relatos de viagem estrangeiros que definiram, não apenas representações de nação, mas também um modo particular de ver a paisagem brasileira.

Para essa continuidade de pesquisa o trabalho amparar-se-á metodologicamente no viés historiográfico que se consagrou como História da Leitura, o qual teve seu início nos trabalhos desenvolvidos em torno de pesquisas sobre a produção e difusão do livro, também denominada de história social e cultural da comunicação impressa. Em seu desenvolvimento, esse tipo de análise acabou desembocando em outras preocupações como a história das bibliotecas, do ensino da leitura etc, alcançando assim um questionamento sobre a difusão das ideias no passado, tanto nas perfileções dos pensamentos intelectuais e

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

filosóficos, como em pessoas que não estão presentes ou inseridas nessas filiações. Assim, o próprio livro tornou-se um objeto de estudo, principalmente, como possibilidade de transmissão e circulação de ideias: “a história da leitura busca apreender a circulação das ideias, dado que o livro é, na tradição ocidental em particular, o mídia por excelência”. (DENIPOTI, 1998, pp. 16-19)

O ato da leitura é cotidiano e, portanto, incluso – com maior ou menor intensidade – em inúmeras sociedades e em épocas diferenciadas. Sendo assim, a leitura participa e participou da História, tendo sua trajetória histórica: “A leitura passa a ser vista como um objeto possível da história, em particular da história cultural, e tanto a leitura quanto sua história podem ser vislumbradas sob diferentes prismas”. (DENIPOTI, 1998, pp. 15-16)

Robert Darnton mostra que o ato de ler denota uma experiência tão cotidiana e familiar que, a princípio, apresenta-se como algo perfeitamente apreensível.

Mas, se pudéssemos realmente compreendê-la, se pudéssemos compreender como elaboramos o significado a partir de pequenas figuras impressas numa página, poderíamos começar a penetrar num mistério mais profundo – saber como as pessoas se orientavam no mundo de símbolos tecido em torno deles por sua cultura<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a História da leitura apresenta-nos novas abordagens e não apenas em relação à história do livro ou mesmo da imprensa.<sup>6</sup> Objetiva também uma análise das próprias leituras e como estas foram realizadas em diferentes temporalidades e em diversas sociedades. A leitura, por mais que seja compreendida como um ato puramente individual, relaciona-se tanto com a temporalidade em que o sujeito leitor está inserido, quanto com

<sup>5</sup> DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 277-278. Em relação a essa obra, indicamos o artigo CHARTIER, R. Textos, símbolos e o espírito francês. In: **História, Questões e Debates** 24(13). Curitiba: jul/dez. 1996, p. 5-27, que analisa os discursos e as relações texto e contexto no estudo dos documentos que foram utilizados por Darnton.

<sup>6</sup> No que diz respeito à História do livro, da imprensa e mesmo das práticas de leitura – leitura repetitiva, privatização da leitura – são ilustrativos outros trabalhos como As práticas da escrita In: CHARTIER, R. (org.). **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 e DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

sua diferenciação social. O ato de ler, mesmo que, num primeiro momento nos apresente etapas diferenciadas, deve ser compreendido por meio dessa relação homogênea que envolve leitor, leitura, obra e temporalidade.<sup>7</sup>

Carlo Ginzburg, em seu consagrado estudo sobre o moleiro Menocchio, admite – mesmo não considerando o moleiro como um “típico” camponês – como a temporalidade articulou suas ideias, principalmente, a Reforma e a Imprensa. Portanto, Menocchio, mesmo em sua singularidade, relaciona-se com seu tempo (GINZBURG, 1987).

Identificamos essa relação no século XIX com os viajantes estrangeiros. Exemplo disso seria a publicação dos relatos de viagem nos periódicos do período e o uso que se fez dos mesmos na construção das representações da nação brasileira por meio, em alguns momentos, do IHGB – expressão constante desse discurso nacional.<sup>8</sup>

Nesse sentido, a vasta produção dos viajantes-leitores oferece possibilidades para o estudo de suas leituras e, já no primeiro contato com seus relatos de viagem, identificamos citações referentes a geração luso-brasileira. Além disso, deve-se considerar esses viajantes como um grupo de leitores ou uma comunidade de leitores: “ (...) e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis (...). Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação.” (CHARTIER, 1999, p. 13)

Devemos considerar também os viajantes-lidos que, como afirmam Cruz e Domingues em suas pesquisas acerca dos cientistas luso-brasileiros, foram publicados ou tiveram seus manuscritos difundidos durante a primeira metade do século XIX: “Difundia-

<sup>7</sup> Certeau em seu texto *Ler: uma operação de caça*, In: Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp. 264-268, atenta para essa relação e, especialmente, ressalta o leitor na operação da leitura (muitas vezes assimilada a uma passividade): “um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor seu sentido. Se portanto ‘o livro é um efeito (uma construção) do leitor’, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de lectio, produção própria do ‘leitor’.” Ainda nesse sentido, Certeau lembra-nos que a autonomia do leitor diante os textos e, portanto, de sua leitura, depende “das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos.”

<sup>8</sup> Deve-se compreender que o IHGB, por mais que tenha propagado os temas e assuntos nacionais, não foi o único veículo de divulgação e de discussão acerca da nação. Observam-se, principalmente na imprensa, discursos nacionais de indivíduos desvinculados do Instituto.



# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

se esse conhecimento através da intensificação da circulação de materiais manuscritos e impressos, de livros e textos de natureza técnico-científica, alguns traduzidos por todo Império” (DOMINGUES, 2001, p. 829). Cruz também constata a edição dos relatos no oitocentos pontuando, entretanto, que todo o esforço não gerou trabalhos acerca desses viajantes brasileiros:

Os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na busca incessante por compatriotas ilustres, iniciaram, na década de quarenta do século XIX, a publicação de biografias desses primeiros cientistas e de parcela expressiva de sua produção. Todavia, o louvável esforço editorial não foi suficiente para despertar a atenção dos estudiosos para a atuação desses personagens. (CRUZ, 2004, p.03)

Assim, o que se percebe é que os viajantes europeus, tão exaltados em seu papel pela Historiografia corrente, não foram devidamente analisados no seu papel de leitores, ou como integrantes de comunidades de leitores que, possivelmente, utilizaram suas leituras no “olhar” e nas “experiências” de viagem. Pontuações que nos permitem atentar para as impressões de leituras de um período e de determinados leitores.

A esse respeito são significativos os estudos de Chartier acerca da História da leitura. Para o autor, uma perspectiva histórica, além de apresentar novas abordagens a essas ciências e seus métodos específicos, deve ser uma “reconstituição das variações nas práticas”, e não apenas uma história dos textos e dos livros. Nesse sentido o historiador deve atentar para a utilização diferenciada e oposta de um mesmo texto, de uma mesma ideia e não mais percebê-lo como uma única e universal apropriação. “As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas”<sup>9</sup>.(CHARTIER, 1992, pp. 221-234)

Desse modo, o conceito de apropriação nos parece útil pois, compreendida em

---

<sup>9</sup> CHARTIER, 1992, pp. 221-234. Em relação as práticas de apropriação são ilustrativos os estudos de Michel de Certeau presentes na obra **A invenção do cotidiano** – vide bibliografia – onde analisa as diferentes táticas de resistência da “cultua ordinária” diante os discursos impostos por nossa contemporaneidade.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

termos mais sociológicos do que fenomenológicos, a noção de apropriação cultural torna possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção. (CHARTIER, 1992, pp.232-233)

Além disso, devemos considerar outro conceito caro a Chartier: o de “comunidade de leitores” que pretende identificar “as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais, etc.) [que compõem] uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador.” (CHARTIER, 1999,p.14)

Nossos viajantes serão agora leitores que, como nos lembra Certeau, possuem autonomia diante dos textos e, portanto, sua leitura, depende “das relações sociais que sobre determinam sua relação com o os textos”. (CERTEAU, 1994, pp.264-268)

Conscientes de que trabalharemos com autores, ou indivíduos criadores, decidimos mesclar elementos apresentados pela história da leitura com subsídios foucaultianos encontrados no texto *O que é um autor* (FOUCAULT, 1992). Tal articulação possibilitará encontrar, no objeto escolhido, caminhos para uma possível história da leitura feita por leitores que, ao mesmo tempo, foram autores. Por isso, as reflexões de Michel Foucault são pertinentes e fornecem um instrumental teórico-metodológico congruente com nosso projeto pois alertam para a emergência de análises acerca da função do autor e, conseqüentemente, das redes que envolvem a escrita e que ultrapassam a questão da criação, como é o caso da leitura.

O leitor/autor aparece em alguns fragmentos da obra de Eschewege. No segundo volume de *Pluto Brasilienses* o estrangeiro relata suas impressões de leituras acerca de várias obras. Entre suas apropriações e opiniões sempre deixa claro que os colegas citados são acompanhados da sua “experiência” e de seu “ver”. A leitura nunca aparece sozinha, apenas como uma citação:

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Nessa oportunidade, o dr. Couto também examinou o vieiro de galena, acompanhado de um certo José Soares Roma, antigo provedor de mantimentos aos garimpeiros e conhecedor de todas as sendas dos contrabandistas de pedras no sertão. [...] Por intermédio do dr. Couto – que, depois de cinco dias de viagem, descobriu finalmente o vieiro – foram recebidas informações mais precisas, se bem que incompletas. Essas informações podiam ser lidas num manuscrito elegantemente encadernado, que se apresentou ao Príncipe Regente, em 1808. [...] A persistente ideia de que o grande Brasil devia ser tão grande e rico em tudo, como o era em ouro, não se abalou no espírito do Ministro D. Rodrigo, então Conde de Linhares, com a descrição do dr. Couto, que reduziu uma montanha de chumbo à simples proporção de um vieiro. (ESCHEWEGE, 1944, p. 274)

No momento que Eschewege detalha as ocorrências de cobalto, ele cita o brasileiro José Vieira Couto que viajou pela região das Minas Gerais no XVIII. Porém, o escritor-leitor europeu não coloca somente as informações sobre o mineral em questão, mas de como o dr. Couto demorou para descobrir o veio e, quando o fez, cometeu um engano. Nesse exemplo, identifica-se a autonomia do leitor de que fala Chartier e Certeau: se apropriar do texto lido, usando o que serve, como também criticando, duvidando de informações e criando versões.

As questões que se colocam para esses fragmentos de leitura são diversas: por que Eschewege citou Vieira Couto? Apenas para demonstrar um conhecimento prévio livresco? Ou citar fazia parte dos relatos de viagem? Ou ainda, citar o dr. Vieira, menosprezando suas pesquisas, colocava-o em posição de superioridade frente os seus leitores? Note-se que o século XIX foi palco de batalhas pela hegemonia científica. Ingleses, Franceses e Germânicos digladiaram-se pela preponderância de seus saberes. Assim, não podemos esquecer como era importante desfazer do conhecimento prévio acumulado por ‘cientistas de segunda classe’ luso-brasileiros. Entre outras coisas, foi isso que os livros dos viajantes europeus nos acostumaram a ver e a historiografia aceitou. No entanto, Eschewege não viajou pelo Brasil a esmo. Chegou às mencionadas jazidas minerais porque leu Vieira Couto, que lá tinha previamente estado.

Por meio dessas questões e abordagens podemos perceber como os discursos existentes nos textos da geração dos cientistas luso-brasileiros do XVIII foram apropriados pelos viajantes estrangeiros do XIX. Além disto, é preciso ter em mente que lidamos com leitores/autores, também fundadores de discursividades. Nesse sentido, não devemos compreendê-los como leitores comuns, mas apreendê-los como leitores inseridos nas práticas discursivas do século XIX. Uma delas, que inicia no século XVIII, é a de que em

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

seus livros de viagem esses autores franceses, ingleses e germânicos estão ‘descobrimdo’ o mundo. Mundo esse que frequentemente vem sendo secularmente palmilhados pela colonização portuguesa e espanhola.

Havia nisto uma dupla estratégia. Do ponto de vista da literatura, os autores buscavam atizar no leitor o interesse pelo exótico e pela novidade, algo muito característico deste gênero literário desde o seu surgimento na antiguidade. Do ponto de vista das estratégias imperiais, ao negar o secular contato e insistirem na ideia dos descobrimentos, Inglaterra e França estavam afirmando que eles haviam se transformado nos portugueses e espanhóis de outrora e, portanto, a eles cabiam os novos territórios ‘recém-descobertos’. Se não do ponto de vista político, pelo menos do ponto de vista econômico.

## Bibliografia

ANDERSON, B. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO J. M. de **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. - 3º ed -. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Bertrand/Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. Textos, símbolos e o espírito francês. In: **História, Questões e Debates** 24(13). Curitiba: jul/dez. 1996, p. 5-27.

\_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas, na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

- CRUZ, A.L.R.B. As viagens são os viajantes: Dimensões Identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 36, p. 61-98. Editora UFPR. Curitiba, 2002.
- CRUZ, A.L.R.B. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica**. Curitiba, 2004. Tese de Doutorado – UFPR.
- CRUZ, A. L. R. B. e PERREIRA, M. **A História de uma ausência: os colonos cientistas da América portuguesa na Historiografia brasileira**. In: FRAGOSO, João (org.) *Nas Rotas do Império*. Vitória/Lisboa: Edufes/IICT, 2006.
- DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- \_\_\_\_\_. História da leitura. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- DOMINGUES, A.: **‘Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos’**. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001
- ESCHWEGE. **Pluto Brasilienses**. São Paulo: Editora Nacional, 1944.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Vega, 1992.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBBSAWM, E. J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MAUAD, A. M. Imagem e autoimagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando (Dir.) **História da vida privada no Brasil 2: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOSCATO, D.C. Traços de Peri: leituras do leitor José de Alencar para a composição do indígena em sua obra *O Guarani – 1857*. Assis 2006 (Dissertação)
- RAMINELLI, R. **Viagens Ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância**. São Paulo: Alameda, 2008.
- SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL